

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Sylvana Fernandes Ferreira

**A MORTE COMO PARTE DA VIDA – PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS  
CATÓLICAS E ESPÍRITAS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Prof. Dra. Elisa Rodrigues.

Juiz de Fora  
2016

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Sylvana Fernandes Ferreira, portador do documento de identidade nº MG – 2.371.911 e CPF nº 588.340.446-49, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372080A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“A MORTE COMO PARTE DA VIDA – PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS CATÓLICAS E ESPÍRITAS”** desenvolvido durante o período de 05/04/2016 a 25/07/2016 sob a orientação da Professora Doutora Elisa Rodrigues, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 25 de julho de 2016.

---

**Sylvana Fernandes Ferreira**

# A MORTE COMO PARTE DA VIDA – PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS CATÓLICAS E ESPÍRITAS

## DEATH AS PART OF LIFE – PERSPECTIVES ON EDUCATION OF CATHOLIC AND SPIRITIST CHILDREN

Sylvana Fernandes Ferreira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho objetiva levantar alguns pontos de reflexão sobre a “morte”, bem como a educação sobre o tema oferecida às crianças em ambiente religioso cristão. De maneira breve, é feita uma apresentação da visão do fenômeno “morte”, em diferentes tempos e lugares. O artigo procura definir e explorar um comparativo dos diferentes argumentos que cercam o assunto na visão cristã – católica e espírita –, e também discute alguns caminhos abordados por estas religiões no tratamento do tema com as crianças em ambiente religioso, a partir da análise de alguns materiais de apoio, divulgados e utilizados por educadores/evangelizadores que atuam nestas religiões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morte. Criança. Religiões católica e espírita.

### ABSTRACT

The present study aims to arouse some points of reflection about “death”, as well as education on the topic offered to children in the Christian religious environment. The point of view of the phenomenon “death” is briefly presented in different moments and locations. The article seeks to define and explore a comparison between the different arguments surrounding the issue in both catholic and spiritist points of view, and also discusses some of the methods approached by these religions while dealing with children about the subject in a religious environment, based on analysis of support materials, disseminated and employed by educators/evangelists that work in these religions.

**KEYWORDS:** Death. Child. Catholic and spiritist religions.

## 1. INTRODUÇÃO

Embora esteja presente no cotidiano de todos, saltando aos olhos de quem acompanha os noticiários, a morte apresenta-se, muitas vezes, devastadora em todas as partes do mundo. Diante dela, resta, muitas vezes, o silêncio.

O termo “morte” traz, em princípio, uma forte impressão de dor, de perda, de tristeza, de finitude, do desconhecido; traz com ele o sentimento de fracasso. “Numa posição antagônica, a morte coexiste com a vida, o que não a impede de ser angustiante, incutir medo e, ao mesmo tempo, ser musa inspiradora de filósofos, poetas e psicólogos” (FRANÇA; BONTOMÉ, 2005, p. 547).

No entanto, há que se considerar que o fenômeno da morte abrange muito mais que o fim da vida, pois “Pensar a morte é repensar a vida!”, aponta Elias (p. 18, 1982). Quando ela se aproxima dos que nos rodeiam, nos obriga a mudanças, a repensar a nossa própria existência, inexoravelmente. A consciência sobre a morte pode oferecer, então, uma fértil possibilidade de alimentar a própria vida com mais energia, tornando os curtos momentos de fruição muito mais prazerosos. A mudança de atitude diante deste fenômeno absolutamente natural poderia, assim, trazer uma importante repercussão social (REZENDE, 2004). Alerta-nos Elias (1982) que a morte se constitui um problema só para os vivos e para os seres humanos. Para alguns, porém, este problema se impõe de forma muito surpreendente, pois a reflexão sobre esse tema, em muitas sociedades, é postergada ao máximo.

A consciência da morte fez com que o ser humano, em outros tempos, buscasse a sua proteção no grupo, sendo esta a função da coletividade durante milênios. Tal afirmação leva-nos à questão: Será que sempre e em todo lugar pensa-se assim?

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: sylffernandes@yahoo.com.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Elisa Rodrigues.

A experiência da morte biológica difere de sociedade para sociedade. Segundo Ariès (1977), o ritual que envolvia a morte, na Idade Média, constituía-se em um evento social, público, todos participavam; as crianças também. Era encarada de forma mais natural, como parte do ciclo da vida. Isso não quer dizer que ela “chegasse” de maneira pacífica. Na Europa medieval, por exemplo, a fome, as epidemias, a violência geravam um medo crescente da morte. Muitas vezes, era encarada como uma espécie de punição dos deuses.

Também era vista de forma diversa, dependendo também da classe social a qual a família do morto pertencia. Em geral, os mais importantes eram enterrados nas igrejas e os demais, em terreno ao lado, porém integrado à comunidade.

A preocupação de separar os vivos dos mortos nasce com a Modernidade, reforçada pelo ideal higienista que passa a predominar a partir do século XIX. Então, a proximidade com os mortos pode representar contaminação e perigo de doenças (COMBINATO; QUEIROZ, 2006). Com isso, a morte sai “das salas de visitas”, onde em geral aconteciam os velórios, e passa para os hospitais e outros locais específicos, destinados aos rituais próprios.

Na civilização ocidental, “(...) a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha” (COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 210). Tenta-se vencê-la a qualquer custo e, quando tal êxito não é atingido, ela é escondida e negada

De um modo geral, simbolicamente, morte tem um sentido de perda, de falta, de frustração de projetos. Neste aspecto, o tema “morte” está relacionado tanto à Psicologia como às Ciências Sociais e às Ciências das Religiões: “Enquanto tal, a morte apresenta-se como um fenômeno impregnado de valores e significados dependentes do contexto sócio-cultural e histórico em que se manifesta” (COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 210). Pode-se acrescentar aqui, o contexto religioso. Então, elaborar os sentimentos diversos que se manifestam diante dela, faz parte da vida do indivíduo e começa desde o seu nascimento, pois, desde então, nos deparamos com as mais diversas experiências de perda, inclusive a morte.

As dificuldades de elaboração decorrentes deste evento iniciam-se pela forma com a qual são introjetados os sentimentos de perda em geral, desde a infância. Poucos levam em consideração que estas perdas simbólicas representam uma espécie de “preparação” do indivíduo para lidar com os sentimentos que envolvem a morte biológica. Segundo Paiva (2011, p. 48), “o medo da morte configura-se em uma angústia humana que tanto pode paralisar o indivíduo diante da vida como alavancá-lo em projetos de vida. Portanto, falar da morte é falar da vida. É a consciência da morte que traz sentido à vida.”

Desta forma, “(...) pode-se afirmar que existem várias “mortes” em vida. Embora não ocorra a morte concreta, essas experiências possibilitam a reorganização e a resignificação da vida” (COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 214). O contato do indivíduo com a própria fragilidade e finitude emerge de diferentes situações como uma doença, um acidente, o fim de um relacionamento, o encerramento de um ciclo de vida, enfim.

Atualmente, segundo Elias (1982), com o avanço das medidas de prevenção e cura de muitas doenças, com a possibilidade de “adiamento” da morte biológica, cultiva-se a ideia de imortalidade, como se isso fosse possível. A possibilidade de se assegurar uma morte menos dolorosa e com menor sofrimento também tem contribuído para postergar a discussão sobre o tema. Reitera-se, no entanto, que a compreensão sobre ela influencia na qualidade de vida da pessoa e de seu grupo. “O avanço científico e tecnológico que tomou conta do universo foi capaz de retardar a morte, entretanto, não conseguiu preparar meios que proporcionassem maior preparo ao homem para aceitá-la como fenômeno da existência” (KESTEMBERG et al, 1992, p. 265).

Diante do desafio de enfrentar a dificuldade de se falar sobre o tema “morte”, principalmente, com crianças, instaura-se a questão: como as religiões tratam o tema e em que medida tais tratamentos são produtivos para a abordagem deste fenômeno junto às crianças? Sabe-se que num trabalho acadêmico, cuja finalidade é a produção apenas de um artigo, o desenvolvimento de uma pesquisa de tal envergadura pede mais tempo e espaço. Por essa razão, a presente pesquisa pleiteia refletir como se dá a abordagem do tema “morte” com as crianças, em ambiente religioso, tendo em vista duas matrizes religiosas: a católica e a espírita-cristã (kardecista). O objetivo desta é levantar algumas questões sobre esta abordagem, visando a um aprofundamento em momento acadêmico posterior.

## **2. O SENTIDO DA MORTE PARA OS CRISTÃOS – CATÓLICOS E ESPÍRITAS**

As religiões possuem diferentes perspectivas diante da morte e da sobrevivência do ser após este fenômeno natural. Os católicos afirmam existir o céu, o inferno e o purgatório, como estágio intermediário após a morte, pois “para a Igreja Católica nada de imperfeito pode participar do céu. Por isso, há a necessidade de uma purificação anterior (purgatório)” (WILGES, 2014, p. 71).

Segundo o espiritismo cristão e kardecismo, embora tenha diversas ramificações, a crença comum sobre vida após a morte é a reencarnação. Uma alma vive aqui na terra (ou em outro planeta) muitas e muitas vezes, em estágios de sua evolução. Então, “após uma longa série de reencarnações o homem atinge o estágio de puro espírito” (WILGES, 2014, p. 118).

## 2.1 O católico diante da morte

Sabe-se que a origem do catolicismo está ligada aos primeiros tempos da história do Cristianismo. O Cristianismo nascente foi perseguido desde os seus primórdios até que o Imperador Constantino, no ano 325, sendo convertido, liberou o culto a deus, possibilitando aos fiéis sair das catacumbas, onde se reuniam, e realizarem os seus cultos publicamente. As igrejas eram livres até que o Papa Inocêncio I, no ano 401, que passa a exigir que todos os assuntos da religião, de caráter controverso, fossem levados a ele, para serem deliberados.

Foi o movimento da Reforma Protestante que “motivou” a igreja a se reorganizar com o Concílio de Trento, de 1545 a 1563, na Itália. Com isso, surgiram outras congregações religiosas, como a dos Jesuítas, por exemplo. Os padres passaram, então, a ter uma formação mais severa dada nos seminários.

A morte para o cristão católico é o resultado do pecado (Gn 2-3). Pela sua crença, Adão e Eva foram criados capazes de viverem para sempre. Ao desobedecerem ao mandamento de Deus, tomaram-se sujeitos à penalidade do pecado, que é a morte física. Eles deveriam comer somente o fruto da árvore da vida, no Jardim do Éden. Porém, provaram o fruto da árvore do bem e do mal, sendo assim condenados por deus – “És pó e em pó tornarás” (Gn 3-19). Então, este é “(...) o fundamento verdadeiro a expulsão do Paraíso: o homem obteve o conhecimento, mas, a partir de então, ficou nas mãos da morte” (KRAUS, 2006, p. 57).

Para o catecismo da igreja católica, a morte tem um sentido positivo; morrer significa ter uma vida nova. Este propósito só é alcançado por aqueles que são marcados pelo sacramento do batismo – “(...) se morrermos na graça de Cristo, a morte física consuma este ‘morrer com Cristo’” (Fonte: Catecismo da Igreja Católica, s/d). O sacramento do batismo possibilita ao crente uma nova dimensão da morte. “A água do batismo lava os pecados e concede a vida divina pela força de Cristo, que morreu na cruz e ressuscitou para a salvação da humanidade” (NODARI; CESCO, 2009, p. 45). Para o cristão católico, ele não morre; ele entra para a vida, isto é, volta para junto do “pai”.

A visão do católico diante da morte está relacionada, segundo o seu catecismo, à transformação; o corpo mortal é desfeito e é dado ao crente um corpo imortal, imperecível. No item 1013 deste, consta o seguinte:

A morte é o fim da peregrinação terrestre do homem, do tempo de graça e de misericórdia que Deus lhe oferece para realizar sua vida terrestre segundo o projeto divino e para decidir seu destino último. Quando tiver terminado "o único curso de nossa vida terrestre", não voltaremos mais a outras vidas terrestres. "Os homens devem morrer uma só vez" (Hb 9,27). Não existe "reencarnação" depois da morte (Fonte: Catecismo da Igreja Católica, s/d).

Para o fiel, a esperança de vencer este inimigo, a morte, se encontra na ressurreição. Esta ideia é representada por Cristo que ressuscitou dos mortos, assumindo novamente o seu corpo; este fato garante a ressurreição do fiel.

Sobre a ressurreição, segundo Wilges, a igreja católica prega que esta “(...) se dá no momento da morte. O homem não pode existir sem corpo. O homem é um espírito corporificado ou um corpo espiritualizado” (2014, p. 71). Sobre a reencarnação, “A Igreja Católica não aceita a possibilidade de o espírito voltar a este mundo em viver em outro corpo” (p. 72). O corpo ressurreto do fiel será semelhante ao corpo do Cristo, revestido de imortalidade. Ainda segundo as Escrituras Sagradas,

(...) um corpo que terá continuidade e identidade com o corpo atual e que, portanto, será reconhecível (Lc 16.19-31); (b) um corpo transformado em corpo celestial, apropriado para o novo céu e a nova terra (15.42-44,47,48; Ap 21.1); (c) um corpo imperecível, não sujeito à deterioração e à morte (15.42); (d) um corpo glorificado, como o de CRISTO (15.43; Fp 3.20,21); (e) um corpo poderoso, não sujeito às enfermidades, nem à fraqueza (15.43); (f) um

corpo espiritual (i.e., não natural, mas sobrenatural), não limitado pelas leis da natureza (Lc 24.31; Jo 20.19; 1 Co 15.44); (g) um corpo capaz de comer e beber (Lc 14.15; 22. 16-18,30; 24.43; At 10.41) (Fonte: Ressurreição do corpo, s/d).

Portanto, de acordo com esta doutrina, não há o repouso eterno; quando os fiéis ouvirem a voz de Cristo todos ressuscitarão. A ressurreição é um ponto crucial para a fé católica cristã. “A Ressurreição é um fato histórico. Não seja desencorajado por pessoas que negam a Ressurreição. Seja cheio de esperança, pois um dia todos virão a prova viva quando JESUS voltar” (Fonte: Ressurreição do corpo, s/d).

Segundo as Escrituras Sagradas, quando da narrativa da crucificação de Cristo, como narra o evangelista Lucas, assim disse Jesus, no alto do Gólgota, ao ladrão que estava crucificado ao seu lado: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23:43). O apóstolo Paulo, em decorrência desta ideia, afirma, em suas epístolas, que com a morte, o crente deixa a “casa terrestre” e vai habitar a “casa de Deus”. Portanto, no entendimento bíblico, ao morrer, o crente entra na glória do céu.

Ao chegar ao céu, o fiel não mais encontrará o pecado; não experimentará o sofrimento e a tristeza, libertando-se, assim, da sua natureza má, e experimentando a comunhão com os santos. Esta é uma questão de fé para os católicos

## 2.2 O espírita diante da morte/desencarnação

O espiritismo cristão surgiu a partir da investigação do fenômeno “das mesas girantes”, pelo discípulo do educador Johann Pestalozzi, o pedagogo francês Hippolyte Leon Denizard Rivail (1804-1869), mais conhecido com a alcunha de Allan Kardek. O fenômeno das mesas girantes ocorreu no século XIX, protagonizado pelas irmãs Fox.

Segundo as observações e estudos feitos pelo professor Rivail, as informações reveladas durante tal fenômeno se tratava da comunicação dos espíritos de pessoas que haviam “morrido” ou “desencarnando” e que, portanto, após a morte do corpo físico, continuavam vivas, concluiu. O espiritismo kardecista baseia-se, então, na revelação dos espíritos à pessoas consideradas “sensíveis” a esta comunicação, chamados de “médiums”. Agora, com o codinome Allan Kardek, o estudioso francês aprofundou seu interesse pelo mundo dos desencarnados dando origem à obra “O Livro dos Espíritos”, publicado em 1857.

Esta obra que fundamenta os ensinamentos do espiritismo foi o primeiro passo de uma vida inteiramente dedicada ao conhecimento e à explicação dos fenômenos espíritas. Nesta obra, Kardek elabora uma série de questões endereçadas aos espíritos que, segundo o espiritismo, as respondem através do mecanismo denominado “mediunidade”, isto é, pela manifestação dos desencarnados por meio de pessoas que seriam os “intermediários” entre o mundo físico e o mundo espiritual.

O espiritismo, neologismo criado por Allan Kardek, trata em sua essência do elemento espiritual. Então, com o objetivo de divulgar tais conhecimentos, Kardek cria a “*Revue Spirite*” (Revista Espírita) e funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espirituais. A nova crença se difundiu rapidamente pela Europa conquistando mais adeptos. Como marca do seu tempo, o seu pensamento tem uma forte marca do cientificismo e do evolucionismo, ideais prevalentes na época, na Europa.

Esta é então considerada como a “doutrina dos espíritos”, pois foi “codificada” por Allan Kardek, organizador das mensagens psicografadas pelos espíritos, em cinco obras basilares, tendo como referência principal os preceitos cristãos contidos nos evangelhos. Para o espiritismo, a vida de Jesus Cristo é considerada um modelo de evolução espiritual, além da história de vida de outros indivíduos iluminados.

O espiritismo se funda nas seguintes bases:

1 – na possibilidade de evocar os espíritos; 2 – na honestidade dos médiums, de que eles, de fato, nos transmitem as revelações dos espíritos e não os seus próprios conhecimentos; 3 – que as revelações transmitidas provêm só dos espíritos bons e não dos maus; 4 – que o codificador é honesto e leal (WILGES, 2014, p. 116).

A codificação kardequiana está descrita nas seguintes obras: O livro dos espíritos (1857), O que é o espiritismo (1859), O livro dos médiums (1861), O evangelho segundo o espiritismo (1864), O céu e o inferno (1865), A gênese (1868), Obras póstumas.

Os princípios fundamentais da doutrina são:

- 1) deus;
- 2) evolução;
- 3) reencarnação;

- 4) sobrevivência da alma;
- 5) comunicação entre dois mundos (físico e espiritual);
- 6) lei de causa e efeito;
- 7) pluralidade dos mundos habitados (WILGES, 2014, p. 117).

Segundo o espiritismo, o mundo terreno integra uma infinidade de mundos nos quais os espíritos habitam graus de evolução superior e inferior. O princípio evolucionista também fundamenta a explicação para o sofrimento humano. O ser humano sofre por conta das ações equivocadas praticadas em outras reencarnações, expiando, no presente, os erros do passado. Nesta perspectiva, a morte não existe; o espírito, ora está encarando, ora desencarnado. A alma é, portanto, imortal.

A doutrina espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese e passa a ser uma realidade. Ergue-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos em plenitude de sua realidade prática. (...) Eis aí por que os espíritas encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é só a esperança., mas a certeza que os conforta (HU RIVAS, 2014, p. 70).

Para o espírita cristão, então, a morte é vista sob uma perspectiva diferente daquela do católico. Segundo Léon Denis (1846/1927), considerado pelos espíritas como um extraordinário sucessor e propagador da obra de Kardec,

A morte é apenas uma mudança de estado, a destruição de uma forma frágil que não mais fornece à vida as condições necessárias para seu funcionamento e sua evolução. Para além do túmulo, uma outra fase da existência se abre. O espírito, sob sua forma fluidica, imponderável, prepara-se para novas reencarnações e encontra em seu estado mental os frutos da última existência que findou (DENIS, 2000, p. 111).

Segundo o Capítulo III, intitulado "Da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual", da obra basilar do espiritismo "O livro dos Espíritos", na questão nº 149, a alma, após a morte, se desprende do corpo físico e "(...) volve ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente" (KARDEK, 2013a, p. 115). Porém, segundo a interpretação kardequiana, sua individualidade não se perde.

Na questão nº 153, da mesma obra, Kardek "pergunta" aos espíritos: "Em que sentido se deve entender a vida eterna?" Esta é a resposta: "A vida do Espírito é que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna." E Kardek continua: "Não seria mais exato chamar vida eterna a dos Espíritos puros, dos que, tendo atingido a perfeição, não estão sujeitos a sofrer mais prova alguma?" E os espíritos "respondem": "Essa é antes a felicidade eterna, mas isto constitui uma questão de palavras. Chamai as coisas como quiserdes, contanto que vos entendais" (KARDEK, 2013a, p. 117).

No Capítulo IV, intitulado "Da pluralidade das existências", Kardek organiza uma série de questões sobre o tema de crucial importância para o espiritismo – a reencarnação. A ideia de reencarnação é anterior ao espiritismo. Na verdade, desde a Antiguidade, há relatos de fatos atribuídos a este fenômeno. Segundo o espiritismo, somente com uma nova existência o espírito é capaz de alcançar a perfeição, não retomando ao mesmo corpo, evidentemente, mas assumindo um novo (KARDEK, 2013a, questão nº 166, p. 123).

Na questão 171, no item "Justiça da reencarnação", Kardek pergunta: "Em que se funda o dogma da reencarnação?" E é esta a resposta:

Na Justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão (KARDEK, 2013a, p. 125).

O espiritismo se diz filosofia, ciência e religião. Como religião, não tem dogmas e rituais; orienta aos espíritas a seguir a moral do evangelho de Cristo, redivivo, considerando-se como sendo a "terceira revelação". Para os espíritas, "Cristo foi um médium incomparável. Mandado por Deus a terra, veio ensinar-nos como é que podemos nos aperfeiçoar. Cristo não é o nosso salvador. O homem salva-se a si mesmo, seguindo o caminho de Cristo. Jesus morreu apenas para dar um exemplo de conformidade à vontade divina" (WILGES, 2014, p. 119).

O tema da morte – o desencarne – e da reencarnação é retomado em vários pontos da codificação kardequiana. Na obra "O céu e o inferno ou A justiça divina segundo o Espiritismo", publicada em 1865, por exemplo, no capítulo 1 – "O porvir e o nada", Kardek discorre sobre os argumentos da doutrina sobre a existência de vida após a morte. Finalizando o capítulo, no item 14, encontra-se a seguinte mensagem:

Instintivamente tem o homem a crença no futuro, mas não possuindo até agora nenhuma base certa para defini-lo, a sua imaginação fantasiou os sistemas que originaram a diversidade de crenças. A Doutrina Espírita sobre o futuro — não sendo uma obra de imaginação mais ou menos arquitetada engenhosamente, porém o resultado da observação de fatos materiais que se desdobram hoje à nossa vista — congraçar-se-á, como já está acontecendo, as opiniões divergentes ou flutuantes e trará gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre esse ponto, não já baseada em simples hipótese, mas na certeza. A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contato dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão (KARDEK, 2013b, p. 21).

Então, dessa forma, o espírita não teme a morte, pois “A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às ideias, outro fito ao trabalho: antes dela nada que se não se prenda ao apresenta, porque sabe que aquele depende da boa ou da má direção deste” (KARDEK, 2013b, p. 23). Teme a morte, segundo esta doutrina, aquele que não crê que a vida continua em outro plano; quanto mais o espírita se imbuí da ideia de permanência dos laços afetivos e fraternais após a morte (do corpo físico), concebida como desencarnação, maior a sua serenidade para encarar a morte.

### 3 O QUE DIZEM OS MANUAIS DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DA CRIANÇA?

Os modelos de propagação das doutrinas religiosas junto aos indivíduos são inúmeros e bastante diversificados pedagogicamente, “(...) já que eles vão desde transmissões tradicionais até processos que envolvem técnicas de propaganda”, segundo Gross (2014, p. 135). Acrescenta ainda que há tradições religiosas que dispõem de departamentos e mecanismos próprios de divulgação de sua tradição.

#### 3.1 Catequese católica

Em princípio, cabe relatar o comportamento do atendente de uma livraria católica da nossa cidade, quando solicitado sobre em que publicações seria possível encontrar o tema “morte”, sendo abordado especificamente para crianças. Segundo nos relatou, este é um tema “muito forte” para ser tratado com crianças e, em princípio, teve dificuldades em atender ao pedido. Apresentou-me alguns manuais de catequese e alguns livros de literatura infantil, da “Coleção Terapia Infantil” (MUNDY) que tratam de temáticas ligadas a perdas e dificuldades psicológicas enfrentadas por todos, numa abordagem infantil – separação dos pais, morte, entre outros.

Na publicação “O que acontece quando alguém morre? Um guia para as crianças lidarem com a morte e os funerais” (MUNDY, 2011), a morte é apresentada como algo “natural”, isto é, no sentido biológico, “pessoas podem morrer porque estão muito doentes, muito velhas; às vezes, por causa de um acidente. Pessoas morrem quando uma parte importante do corpo deixa de funcionar corretamente, como os pulmões para a respiração ou o coração para o bombeamento do sangue” (s/p.).

Existem trechos desta publicação que oferecem a perspectiva da mesma em relação aos sentimentos e valores que representa a morte para os autores (católicos). “Nós rezamos para que as pessoas que estão prestes a morrer ‘descansem em paz’ (...). A morte se assemelha ao sono, mas quem cai nesse sono não acorda jamais” (s/p.). Mais adiante diz, enfatizando a questão de fé: “Nossa fé nos diz que o corpo pode morrer, mas a alma ou o espírito vai para outro lugar, junto de Deus.” Aponta que este lugar é o “céu”, “Em rápidas palavras, o céu é um lugar bonito onde Deus cuida com carinho das pessoas que morreram. É um lugar onde todos são felizes.” O livro aborda ainda “O que acontece num velório?”, “O que acontece no cemitério?” (s/p.) e o “comportamento social” desejável para esta celebração, numa perspectiva católica. Parece-se mais com um manual de comportamento para a criança.

Segundo o manual do catequista “Nossa vida com Jesus” (2014), o desafio atual da catequese é enfrentar o processo de iniciação cristã dada às crianças em “(...) um mundo cada vez mais descristianizado” (p. 7). Diante disso, a proposta do mesmo é investir na formação do catequista. Este material se prende muito na apresentação da Eucaristia à criança, perpassando pelo batismo, pela páscoa/ressurreição de Cristo, fazendo reflexões sobre tais eventos, considerando fatos do dia-a-dia, do cotidiano atual da criança brasileira, de determinado contexto social.

Especificamente sobre o tema “morte”, encontra-se no 17º encontro, no mesmo manual: “Jesus é traído, torturado, julgado e condenado”, a seguinte abordagem: “Jesus passou sua vida na terra



fazendo o bem (...). (...) dizendo sempre 'sim' a Deus Pai. O mistério central da nossa fé é a morte e a ressurreição de Jesus. É nesse mistério que se encerra todo amor de Deus por nós" (p. 74). Nas reflexões subsequentes neste e nos próximos encontros, não há nenhum aprofundamento sobre o tema "morte", somente sobre o mistério da morte e ressurreição de Jesus e a necessária reverência que o cristão deve ter em relação ao símbolo da "cruz", como representação da morte de Cristo.

Na publicação "Creio na alegria" (2013), também destinada à educação formal da criança católica, se apresenta assim: "A pedagogia sugerida colhe a experiência do cotidiano da criança para ir tecendo, com base nisso, os fios da fé" (p. 10). A apresentação do material é bastante lúdica, com atividades voltadas a atrair as crianças.

O tema "morte" também é abordado neste manual, no 14º encontro intitulado: "Foi crucificado, morto e sepultado" (p. 153), da mesma maneira que a apresentação do manual anterior, relacionando a morte de Jesus a um sacrifício pela humanidade. Porém, esta reflexão é proposta às crianças de forma mais introspectiva, criando um clima mais místico, de contrição, de fé, convidando-a a estender este sentimento aos familiares, em um momento de profunda adoração (p. 160). No encontro 15º (p. 161), as crianças são convidadas a exultar a ressurreição de Jesus, como a "festa da vida"; mas novamente, a explicação para a morte e o que os argumentos indicados para o fiel enfrentá-la é a fé na ressurreição, ligada à prática de boas atitudes, sempre com um sentido da mais pura moral cristã.

### 3.2 Escolas de evangelização espírita

As escolas de evangelização espírita, que, em geral funcionam nos centros espíritas kardecistas, demandam dois processos pedagógicos diferentes: a formação de evangelizadores da infância e juventude e a formação da criança e do jovem propriamente dita, considerada pela doutrina espírita como a verdadeira "escola da alma" (Fonte: O centro espírita – escola da alma, s/d). Esta formação abrange o atendimento às crianças de 0 a 11 anos de idade, bem como aos jovens, com conteúdos voltados a cada faixa etária.

Existem cursos formais para os evangelizadores nos diversos centros espíritas kardecistas, além de vasta publicação sobre o tema, em editoras e através de *web sites*. Algumas destas publicações: "Trabalhando com a criança" (Editora Chico Xavier), "Noções básicas de evangelização infantil" e "A criança sob um novo prisma – Compreendendo a criança de 6 a 11 anos" (Editora Auta de Souza), dentre outras.

No movimento espírita existe um "Currículo para Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil" (2012), oferecido gratuitamente aos educadores, em edição revista e ampliada, considerado por muitos como documento norteador da educação da criança. Segundo este documento, baseado em valores morais, amizade, caridade, paciência, amor, é por meio da educação espírita que "(...) temos em mira as bases do Evangelho de Jesus — o maior filósofo, o mais competente dos pedagogos — e as da Codificação Kardequiana, as quais enfeixam os princípios norteadores, capazes de orientar todo o processo de renovação do homem, no rumo do seu aperfeiçoamento moral, ético, afetivo, intelectual e social" (p. 11).

A metodologia a ser adotada nestas escolas de evangelização, por orientação do documento básico, deve partir das situações da vida cotidiana da criança, das experiências mais imediatas para depois estabelecer as generalizações; partir do mais simples para o mais complexo, adequando o aprendizado às experiências socioculturais e espirituais da criança (p. 20). O material é todo organizado de forma didática, baseado em uma pedagogia que pode ser considerada como tradicional, contendo os planos dos encontros, contendo atividades lúdicas, musicais, técnicas de artes visuais, em geral.

Segundo Pires, considerado autor espírita, na obra "Educação para a morte",

A fase mais difícil do ato educativo é a que dá a compreensão do desapego aos bens passageiros do mundo, sem desprezá-los, como forma de preparação para as atividades de abnegação amorosa que devemos exercer depois da morte. Mas não devemos exagerar nas promessas de além-túmulo, pois não se promete o que não se pode dar, mas ensinar que só se levará, na mudança da morte, a bagagem das conquistas que se realizou aqui, na vida terrena. (...) Esse ensino, acompanhado de exemplos vivos da nossa própria vivência, mostrará aos educandos que não usamos palavras de piedade, mas os convidamos a caminhar ao nosso lado, fazendo o que fazemos. Devemos substituir as idéias de recompensa pelas de consequência (1993, p. 61).

No documento "Currículo para Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil", precisamente no volume: "2º ciclo de Infância" (faixa etária: 9 e 10 anos), no módulo I, "Bases do

Espiritismo/reencarnação”, a criança é apresentada à “Lei de Causa e Efeito”, importante pressuposta de doutrinação do espiritismo. Na página 91, encontra-se o seguinte: “Reencarnar é voltar ao corpo físico. A reencarnação é uma prova da justiça de Deus, por meio da qual Ele nos dá a oportunidade de resgatar as dívidas do passado. Precisamos aproveitar o recurso da reencarnação para progredir. As conseqüências de nossas boas ou más ações determinam o tipo de vida que teremos em cada experiência física.”

No “3º ciclo de Infância” (faixa etária: 10 e 12 anos), no módulo I, “O Espiritismo”, no item “Intercâmbio mediúnico”, encontra-se o seguinte ensinamento: “Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. (...) Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade (p. 113). Sobre a reencarnação, é ensinado às crianças: “A reencarnação é um princípio básico da Doutrina Espírita. Significa a volta do Espírito a um outro corpo especialmente formado para ele. Constitui um meio de evolução do Espírito e uma prova da Justiça e da Misericórdia de Deus” (p. 113).

Pelo exposto, observa-se que o tema “morte”, considerada no espiritismo como “desencarnação”, reconhecidamente basilar, já é divulgado e desenvolvido com os adeptos desde a infância, formalmente nas escolas de evangelização dos centros de educação espírita, transmitindo às crianças as informações da doutrina a cerca do fenômeno; então, se há a reencarnação então a morte como finitude, não existe. A criança espírita pode assim encará-la de forma mais digamos “natural”, como um fenômeno da vida, pois a ela é dada a noção de que vida e morte fazem parte de um só ciclo, em processo, em um *continuum*, que não é considerado como o fim, mas um recomeço de algo que nunca se interrompe.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é possível apontar que a educação da criança voltada para a reflexão e um possível entendimento sobre o fenômeno da morte física está em destaque nas duas correntes religiosas, sempre pautada na fé, na crença em algo, ou em outra vida, ou na continuidade desta, mesmo que em outra “dimensão”.

Fica claro que o tema é apresentado às crianças católicas e espíritas, no ambiente religioso, de forma bem diversa, pois o espiritismo tem em seu bojo, uma perspectiva mais “naturalizada” sobre o fenômeno da morte, destacando-a como uma passagem para outro estágio, muitas vezes, afirmando que ela não existe. Este tema está presente de maneira formal nos diversos materiais de divulgação religiosa, encontrados nos centros espíritas kardecistas, congregados à Federação Espírita Brasileira.

Com as crianças católicas, em ambiente evangelizador, o tema “morte” é tratado na perspectiva da morte e a ressurreição de Cristo, muitas vezes apontada como mistério nos manuais do evangelizador. A abordagem é bem superficial e pouco aprofundada.

Observa-se também que há outras maneiras e possibilidades de abordar o tema “morte” com as crianças, como discorre Paiva (2008, p. 263) em sua pesquisa sobre “A arte de falar de morte para crianças. A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores”: “Esta pesquisa mostrou de maneira nítida e significativa a importância da utilização dos livros infantis que abordam o tema da morte, assim como da criação de um espaço de reflexão e compartilhamento para crianças e também para educadores”. Este pode ser um possível desdobramento deste estudo, futuramente.

Portanto, creio que o propósito deste trabalho foi alcançado, na medida em que se propôs e fez um panorama da temática e alguns possíveis desdobramentos sobre a mesma. Como resultado dessa investigação preliminar, pode-se notar que: a perspectiva do católico diante da morte relaciona-se à transformação, isto é, o corpo mortal se desfaz e é dado ao fiel um novo corpo, imortal, imperecível. Para o fiel, a esperança de vencer a morte é a ressurreição, representada pela crença na ressurreição de Cristo. Portanto, o católico crê os homens morrem uma só vez; não existe “reencarnação”.

O espírita, ao contrário, crê na “reencarnação” como possibilidade futura para os homens. Ele não teme a morte, pois acredita na possibilidade de uma vida futura, na manutenção dos laços afetivos e fraternais após a morte, a desencarnação. Esta crença explica a forma serena que o espírita encara a morte.

Considero que a doutrina espírita tem uma perspectiva mais positiva diante da morte. O tema é abordado de maneira a tranquilizar o fiel com relação às suas dúvidas sobre o seu futuro, buscando dirimir a possibilidade de perda de si mesmo e daqueles que ama. Diante disso, considero que esta abordagem apresenta-se de forma mais efetiva no tratamento desta temática tão desafiadora para o ser humano, especialmente para as crianças.

É preciso ressaltar, no entanto, que o tema demanda ainda maior aprofundamento devido a sua relevância e para a compreensão da educação religiosa das crianças nos ambientes institucionalizados. Neste aspecto, o artigo também nos impulsiona a nos dedicarmos a outros estudos na área da Ciência da Religião.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

**Catecismo da Igreja Católica**. Disponível em: <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/m/morte.html>. Acesso: 25 maio 2016.

**Centro espírita – escola da alma. Uma proposta para a formação de trabalhadores**. Disponível em: <http://www.ocentroespirita.com/centroespirita/crianca-instituto.php>. Acesso: 10 julho 2016.

**Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil**. Disponível em: <http://www.dij.febnet.org.br/evangelizador/files/2012/07/Curriculo-Final.pdf>. Acesso: 02 julho 2016.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIRÓZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000200010&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000200010&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso: 23 maio 2016.

DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor**. 1ª parte – O problema do ser. São Paulo: Petit, 2000. Disponível em: <http://www.ebookespirita.org/LeonDenis/OProblemaDoSer.pdf>. Acesso: 23 maio 2016.

ELIAS, Norbet. **A solidão dos moribundos: falando abertamente sobre a morte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ESSLINGER, I. **De quem é a vida, afinal? Descortinando os cenários da morte no hospital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FRANÇA, Maria Dulce de; BOTOMÉ, Silvio Paulo. É possível uma educação para morte? **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 10, n. 3, p. 547-548, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a23>. Acesso: 20 maio 2016.

GROSS, Eduardo. Conhecimento sobre religião, Ciência da Religião e Ensino Religioso. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**. Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 119-138.

HU RIVAS, Luis. **Allan Kardek para todos**. Uma síntese ilustrada das obras do Codificador do Espiritismo. Brasília: FEB, 2014.

KARDEK, Allan. **O livro dos Espíritos**. Princípios da Doutrina Espírita. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013. (a) Disponível em: <http://www.ebookespirita.org/AllanKardek/olivrodosespiritos.pdf>. Acesso: 24 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **O céu e o inferno ou A justiça divina segundo o Espiritismo**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013. (b). Disponível em: <http://www.ebookespirita.org/AllanKardec/olivrodosespiritos.pdf>. Acesso: 26 maio 2016.

KESTEMBERG, Célia Caldeira F.; SÓRIA, Denise de Assis C. (Relatora)<sup>11</sup>; PAULO, Elizabeth Ferreira Pires. **Situações de vida e morte uma questão reflexiva**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v45n4/v45n4a03.pdf>. Acesso: 20 maio 2016.

KRAUS, Heinrich. **Paraíso: de Adão e Eva às utopias contemporâneas**. São Paulo: Globo, 2006.

MUNDY, Michaelene. **O que acontece quando alguém morre? Um guia para crianças lidarem com a morte e os funerais**. São Paulo: Paulus, 2011.

NODARI, Paulo César; CESCION, Everaldo. **Os sacramentos na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2009.

**Nossa vida com Jesus**. Catequista/Diocese de Joinville. São Paulo: Paulus, 2014.

PULIER, Tania Ferreira; SOUZA, Sandra Regina de. **Creio na alegria: caminho da fé cristã nos passos do credo**. Livro do catequista. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2011.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar de morte para crianças. A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores**. Editora Idéias e Letras, 2008.

PIRES, José Herculano. **Educação para a morte**. São Bernardo do Campo, SP: Editora Espírita Correio fraterno, 1993.

**Ressurreição do corpo**. Disponível em: <http://www.midiagospel.com.br/doutrinarios/a-ressurreicao-do-corpo>. Acesso: 20 maio 2016.

REZENDE, V. L. (org.). **Reflexões sobre a vida e a morte**. Campinas: UNICAMP, 2000.

WILGES, Irineu. **Cultura religiosa: as religiões no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.